

Por que Comunicação de “Massa”?

MODESTO MARQUES DE OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

O homem é animal social.

Cercado de semelhantes, sem êles não poderia viver. Dentro da sociedade, precisa comunicar-se, ou seja, transmitir e receber pensamentos e emoções. Sômente pela comunicação pode ajudar e ser ajudado. Sem ela, não pode cooperar. Eis a razão de considerarmos a comunicação a função mais importante do ser humano.

Não apenas o homem se comunica. Todos os sêres o fazem, mais ou menos eficientemente. Quanto mais complexa a vida animal, maior necessidade de comunicação.¹ Eis por que, no homem, a comunicação é mais aperfeiçoada e, ao mesmo tempo, mais difícil. As possibilidades de êrro são maiores entre os homens que entre os animais. Nestes, a própria simplicidade ajuda à exatidão.

A comunicação torna os homens amigos. Por meio dela cada qual pode conhecer melhor seu semelhante. Não se pode amar senão aquilo que, pelo menos, se conhece. O conhecimento do próximo, pela comunicação, é a semente do amor à humanidade. Poderíamos dizer que, na perfeição da comunicação, reside o segredo da paz perpétua. Paz verdadeira, baseada na mútua compreensão e, conseqüentemente, no amor recíproco.

1. O prof. Luiz Beltrão, em aulas na UnB, mostrou a impropriedade do termo “comunicação” aplicado aos animais. A propósito encontramos no «Cadernos de Jornalismo e Comunicações», Rio de Janeiro, nº 11, jun. 1968, artigo extraído de trabalho realizado pelos alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília — 1966 “A comunicação animal”. Mantemos, entretanto, o termo “comunicação” aqui, notando apenas que o usamos “lato sensu”.

Com a comunicação nasce a possibilidade das grandes obras coletivas da humanidade; os monumentos imponentes, os diques, os aquedutos, as pontes, os canais, as estradas, as pesquisas atômicas, os satélites artificiais, as viagens interplanetárias etc.

Como exemplo do que, unidos, podem fazer os homens, a Bíblia registra o caso da Torre de Babel. O segrêdo da gigantesca obra era a comunicação. Quando a divindade temeu que a Torre atingisse o céu, lançou a "confusão de línguas" e, apenas por não mais se entenderem, não puderam os homens concluir o projeto audacioso...²

Sempre foi assim e ainda hoje vemos o mesmo. Os grandes empreendimentos humanos são baseados na comunicação perfeita. A "confusão de línguas" ainda é o grande obstáculo à paz, quer na família, no comércio e na indústria, e entre as nações.

A "confusão de línguas" pode existir dentro do mesmo idioma. Isto se entende bem, se considerarmos serem as palavras apenas símbolos a que emprestamos sentido. Cada qual pode dar ao mesmo símbolo sentido diverso. "Gato" pode ser "animal feroz", para a criança; "bichinho de estimação" para a solteirona; "ladrão de carne", para a cozinheira; "êrro de máquina", para a dactilógrafa; "prato saboroso", para quem come gato por lebre; "substantivo", para o gramático; "elegância no andar", para a quer na família, quer no comércio e na indústria, e entre as nações.

Assim sendo, havendo possibilidade de "confusão de línguas" dentro do mesmo idioma, não é exagêro dizer-se que o curso de comunicação deve preceder qualquer outro de Relações Humanas ou Relações Públicas. Sim, pois ambos os cursos não passam de estudo especializado da arte de entender o semelhante para ser por êle entendido. E o entender e fazer-se entender é o objeto do curso de comunicação.

Senão, vejamos: desarmonia e desentendimento são sinônimos. Má vontade e incompreensão são sinônimos. Confusão, desordem, desorganização, conflito, greve, discussão, briga, bate-bôca, disputa, — tudo pode ser chamado de incompreensão e desentendimento. Compreender e fazer-se compreender, entender e fazer-se entender, são portanto a chave da harmonia social e da paz universal. Eis por que dissemos ser o curso de comunicação (ciência do

2. A divindade não destruiu a Torre. Isso de nada adiantaria: seria reconstruída e talvez provocasse uma guerra como a dos Titãs contra o Olimpo. A divindade foi à essência do problema: a comunicação entre os homens!

3. Temos definições próprias de Comunicação e de Relações Humanas. A primeira, Comunicação, é a "ciência do entender e fazer-se entender"; a segunda, Relações Humanas, é a "ciência do viver e conviver".

entender e do fazer-se entender) a base lógica de qualquer estudo de relações humanas ou públicas.

A primeira coisa a observar quando iniciamos o estudo da comunicação é que as palavras são... palavras apenas. Não significam nada em si mesmas. São apenas símbolos para representar pensamentos e sentimentos. Temos então de cuidar do sentido que nós damos a elas e o significado que os outros possam dar às mesmas. A comunicação é *transmissão* de pensamento e de sentimentos... As palavras que empregamos *transmitem* o que pensamos ou sentimos?

Os gramáticos têm a preocupação de *dizer certo*. O especialista em comunicação não cuida disso. Seu objetivo é *fazer-se entender*. O gramático, ao ler a página escrita, procura correção gramatical. O comunicador habilidoso pesquisa o sentido, o significado do que lê. Onde o gramático descobre erros de português, o comunicador procura ambigüidade.

Não quer isso dizer que a gramática não seja importante. É, e muito. A gramática é o meio mais fácil de dizer as coisas de modo a podermos ser entendidos. A gramática foi feita baseada nas comunicações eficientes do passado. Entretanto a gramática não deve ser a preocupação máxima do estudante de comunicação. É preocupação subsidiária, secundária. O que importa é transmitir exatamente nosso pensamento com ou sem gramática. O ideal será unir ambos: transmissão perfeita dentro da gramática. Assim sendo, justifica-se plenamente o título do presente trabalho: Por que técnica de comunicação de "massa"?

TÉCNICA DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Entre as matérias ora lecionadas no DASP encontramos: "Técnica de Comunicação de Massa".

Por que "técnica"? Por que "comunicação", no singular e "massa"? Não poderia ser "comunicações" e ao invés de "massa" não seria mais adequado "pública", "coletiva", "cultural" ou "social"?

Achamos que a denominação escolhida pelo DASP é certa e nosso atual estudo pretende apenas indicar algumas das razões para esse ponto-de-vista, deixando aos especialistas mais minuciosos a complementação do presente trabalho.

Quanto ao termo "técnica", foi usado com seu significado científico de "conjunto de processos para execução de determinada tarefa". A palavra *processo* aí tem o sentido de "uma sucessão de mudanças, em determinado sentido, ou com determinado

fim". O técnico seria o homem que executa mudanças, ou alterações em determinado campo, num sentido ou direção tendentes a determinado fim, qual seja o de executar uma tarefa específica. Assim sendo, todo mundo é técnico *lato sensu*: certo ou errado, consegue algum resultado. Freqüentemente usamos essa palavra *stricto sensu*, ou seja, significando a melhor maneira de executar determinada tarefa ou ação. De qualquer forma, quando mencionamos "técnica" estamos a referir-nos à decomposição da ação em suas partes, i. e., em processos. Por isso entende-se bem o que se quer dizer quando se fala de alguém que agiu "sem técnica". Referimo-nos, neste caso, aos que não perceberam, no todo da ação, suas componentes de "processos" conjugados em vista a um fim.

COMUNICAÇÃO OU COMUNICAÇÕES ?

Em segundo lugar achamos que o termo *comunicação* deve ser usado no singular. *Comunicações*, no plural, tem sentido ambíguo, uma vez que poderia referir-se ou confundir-se com "transportes" ou *vias de comunicação* no significado militar ou comercial das palavras. Se digo de alguém que é especialista em "comunicações", ainda não teria dito nada se não fizesse a distinção: comunicações telegráficas, rodoviárias, telefônicas, fluviais, marítimas ou... tudo isso junto, incluindo ainda correios e aviões a jato. Temos no Brasil o Ministério das Comunicações e o sentido dessa palavra "comunicações" não deixa dúvida quanto a que se refere em relação a Ministério.

Usa-se o termo "Comunicações administrativas", como no caso de matéria lecionada aqui em Brasília pela Universidade do Distrito Federal no curso de Administração de Empresas. Evidentemente o plural aí tem o mesmo sentido que damos à "comunicação" no singular. Comunicação é o ato ou fato de transferir sentido, significado, ou seja transmissão de idéias e sentimentos por palavras faladas ou escritas, ou por qualquer símbolo comum ao emissor e ao receptor. Deveria, neste caso, dizer-se então "Comunicação Administrativa"? Achamos que sim, embora o uso parça ter consagrado já os plurais. De qualquer forma, o restritivo "administrativas" torna mais preciso o sentido exato de *comunicações*, contornando assim nossa primeira objeção de ambigüidade.

Em São Paulo, Capital, existe na USP uma Faculdade de Comunicações Culturais, significando o mesmo que a Faculdade de Comunicação, de Brasília. Com todo respeito devido aos ilustres padrinhos do nome já famoso em nossos meios culturais, nesta mesma frase estamos mostrando uma imprecisão do batismo

quando falamos em "meios culturais". Qual o sentido de "cultura" que se aplica ao adjetivo "culturais" em relação a comunicações, aqui? Achamos que não foi o significado que empregariamos em "meios" ou "círculos culturais"...

Se ambigüidade apontamos no simples plural de "comunicação», que dizer então do "culturais»? Dupla ambigüidade, portanto. Mas, mesmo que se dissesse "Comunicação Cultural" ainda persistiria a ambigüidade, pois, ninguém vai negar que um relatório científico seja comunicação *cultural* e não nos parece muito apropriado chamar de comunicação *cultural* uma piada que se conta a um amigo na rua...

Entendemos que o "culturais" aí se refere a "cultura" em sentido sociológico ou antropológico. Mas, ainda assim, não nos convencemos. Seria, então, desnecessário o adjetivo, uma vez que a *lato sensu* toda comunicação entre seres humanos (incluindo a dos meios de transporte...) é uma comunicação "cultural". Bastaria então Faculdade de Comunicações, com sua ambigüidade reduzida, ou Faculdade de Comunicação, conforme Brasília recomenda.

Além desta primeira razão, pensamos que o fato de a palavra "comunicação" ter sido usada no singular por Wilbur Schramm e por expressiva maioria de estudiosos do assunto venha corroborar nosso ponto-de-vista. A Igreja também, na sua "Inter Mirifica", fala em Instrumentos de *Comunicação Social*, usando *comunicação* no singular. São autoridades respeitáveis como coisas da precisão vocabular. Isso nos parece argumento final quanto ao singular por nós preferido.

MASSA OU POVO?

Passemos agora ao campo especial da ciência da comunicação, a "comunicação de massa", que deu origem à nossa pesquisa. Há quem não goste do termo "massa" para qualificar o tipo especial de comunicação feito por uma organização ou pessoa institucionalizada e destinada a *Individuos*, como receptores.⁴

4. SCHRAMM, Wilbur. "How communication works". In.: —. *The proces and effects of mass communication*, Illinois, Univ. of Illinois Press Urbana, 1955, p. 18-9.

The chief source, in mass communication, is a communication organization or an institutionalized person".

"The destinations of mass communication are individuals at the ends of these channels individuals reading the evening paper, looking through the new magazine, reading the new book, sitting in the motion picture theater, turning the dial on the radio set".

A primeira objeção a *massa* vamos encontrar, indiretamente, na distinção entre *massa* e *povo* feita por muitos católicos, entre os quais citamos Jacques Maritain em trecho extraído da "Introdução à Sociologia», de Amaral Fontoura:

"O povo são almas, são pessoas humanas reunidas pelas tarefas humanas comuns e pela consciência comum do trabalho que cada qual deve fazer para ter o seu lugar ao sol com sua família, seus amigos, por uma longa experiência das fadigas e das alegrias da vida sem glória, por um capital comum de sabedoria hereditária, acumulada no espírito dos laboriosos, por sentimentos humanos, tradições humanas, instintos humanos que alimentam cada um, muito próximo da natureza, um esforço pessoal, por mais limitado que seja, de razão e de liberdade». Enquanto isso, "massa" é um conjunto amorfo de indivíduos sem discernimento e sem liberdade, joguete fácil nas mãos dos tiranos e ditadores, que os levam para onde lhes apraz, à custa da mentira, da hipocrisia e da opressão. O povo é um conjunto de homens, pensantes, conscientes e livres." ⁵

Não é preciso dizer que, a aceitar em nosso campo de estudo e pesquisa a distinção muito válida em sociologia, teríamos de concluir que o certo seria "Comunicação Popular". Não nos parece totalmente imprópria a designação que, até agora, não vimos ainda em lugar algum. Mas há, como veremos, razões ponderáveis para nos atermos a "comunicação de massa".

A primeira razão é que "massa» é mais inclusivo que "povo", sendo este uma nata ou escol dentro da massa. A segunda razão foge aos objetivos meramente terminológicos do nosso trabalho e envolve a técnica de transformar uma "massa" em "público" ou seja, — usando a palavra católica — "povo". Quando disso tratarmos, voltaremos à distinção de Maritain, mas isso será um outro estudo.

Uma última objeção à distinção seria que ser parte do "povo» ou da "massa" é assunto pessoal, particular, de fôro íntimo. Não nos preocupa, evidentemente, converter ou melhorar ninguém. E, mesmo que fôsse esse nosso objetivo, teríamos de nos dirigir à "massa" que, ela sim, precisa ser melhorada. O "povo" já é, por definição, — e não nossa definição, mas do próprio Maritain... — público seletivo. E o médico existe para o doente, como disse Cristo.

5. FONTOURA, Amaral. *Introdução à sociologia*. 4ª ed. Pôrto Alegre, Globo, 1966. p. 36.

COMUNICAÇÃO "SOCIAL" ?

Há quem diga que a Igreja fala em "comunicação social". Pelo menos na "Inter Mirifica" não encontramos as duas palavras separadas de outra: "instrumentos". A "Inter-Mirifica" fala em "instrumentos de comunicação social" e disso tiraram a idéia de que existiria uma "comunicação social" com o sentido exato de "comunicação de massa". Foi uma ilação apressada, *data venia*, e sem base científica. Senão, vejamos o trecho inicial da "Inter Mirifica":

(Proêmio)

(Os meios de comunicação social)

1. Entre as admiráveis invenções da técnica, que de modo particular nos tempos atuais, com o auxílio de Deus, o engenho humano extraiu das coisas criadas, a Mãe Igreja com especial solicitude aceita e faz progredir aquelas que de preferência se referem ao espírito humano, que rasgaram caminhos novos na comunicação fácil de toda sorte de informações, pensamentos e determinações da vontade. Dentre estas invenções, porém, destacam-se aqueles meios que não só por sua natureza são capazes de atingir e movimentar os indivíduos, mas as próprias multidões e a sociedade humana inteira, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros deste gênero, que por isto mesmo podem ser chamados com razão de *Instrumentos de Comunicação Social*.⁶

Como se vê, a Igreja define apenas os "Instrumentos" de comunicação social.

Na verdade, o termo "comunicação social" é, — e ninguém melhor que os católicos sabem disso... — muito amplo. Não abrange, evidentemente, a *communicatio idiomatum*, nem a dos vasos comunicantes ou de comunicações análogas no campo da física, química ou eletricidade ou eletromagnetismo. Mas não há dúvida de que, para haver comunicação no sentido aqui usado, precisamos de, pelo menos, duas pessoas, ou seja, a "sociedade" mínima...

Comunicação social é, por exemplo, a comunicação inter-pessoal chamada "face to face communication" pelos povos de língua inglesa. Comunicação social é, também, a carta que o namorado envia à namorada, ou a que o pai responde ao filho

6. "Decreto Inter Mirifica sobre Meios de Comunicação Social. In: *Documentos do Vaticano II; constituições, decretos e declarações*. Ed. bilingüe. Rio de Janeiro, Vozes, 1966. p. 561.

que estuda na capital. Os telefonemas urbanos e interurbanos são, com precisão, comunicações "sociais". Os sinais de fumaça enviados pelos índios americanos e o tam-tam das tribos africanas também são comunicações sociais e, nem por isso, são comunicações de massa.

A Encíclica foi clara: definiu apenas os *instrumentos* de comunicação social. Foi específica e exclusiva ao apontar como *instrumentos de comunicação social* as "admiráveis invenções da técnica". Entende-se disso, a nosso ver, duas coisas: que tudo é comunicação social — quando se trata de comunicação entre homens; e, em segundo lugar, que essas comunicações sociais têm instrumentos modernos hoje em dia, como resultado das admiráveis invenções da técnica.

Por que, então, o "social" a qualificar "comunicação"?

Parece-nos que o "social", aqui, tem o único objetivo de delimitar o campo amplo da "comunicação», excluindo, além dos exemplos acima citados, também o reino dos transportes terrestres, fluviais, marítimos e aéreos.

De onde surge, então, como sendo o nome "católico" do objeto de nosso estudo a tal "comunicação social"? Que não é o nome católico, parece não haver dúvida. Se o fôsse, acreditamos que McLuhan tê-lo-ia adotado. Até agora, não nos consta que o tenha empregado para referir-se a comunicação de "Massa"...

Com todo respeito que nos merecem a muita ciência e muita honestidade dos pensadores católicos, achamos que isso se deve apenas e tão-sòmente a um preconceito anticientífico contra a palavra "massa". No entanto, pensamos que estudo acurado do Novo Testamento poderia nos apresentar Cristo como o mais notável comunicador de *massa*, o primeiro verdadeiramente científico técnico em comunicação de massa. O Sermão da Montanha e a multiplicação dos pães provam que sabia lidar com as massas. As parábolas, idem. Mas a explicação, que delas dava aos discípulos, distinguia dentro da "massa" que o saudou na entrada de Jerusalém, o seu "povo". O poder de curar, conferidos aos apóstolos, era técnica de comunicação de "massa". Dessa "massa" extraía seu "povo" como quando disse: "Muitos serão os chamados e poucos os escolhidos..." O chamamento era para a "massa". A escolha apartava da "massa" o "povo". Mas, isso também é outro assunto. Abordamos incidentalmente o ponto apenas por nos parecer útil roteiro para quem queira pesquisar o verdadeiro sentido de "comunicação de massa" do ponto-de-vista católico, tão-sòmente.

COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Mas, continuando com a "Inter Mirifica" notamos que *uma* vez o termo comunicação vem qualificado pela palavra "pública". No trecho referente ao direito à informação achamos isto: "...a *comunicação pública* e oportuna dos fatos e das coisas possibilita a cada homem um conhecimento mais perfeito e contínuo dêles, de sorte que..."

Como vemos, a única vez em que a Encíclica fala apenas em "comunicação" sem referir-se a "instrumentos de comunicação", mas à comunicação em si, não usa "comunicação social", mas "comunicação pública"... Que dizer a isso ou disso pensar?

Caldas Aulete define "público" (adj.) como sendo aquilo "que pertence ou diz respeito à *massa* geral dos habitantes de uma localidade; pertencente ou concernente ao povo; popular, etc." Estamos de novo às voltas com a palavra "povo". Não seria então mais coerente e científico, — para os que têm preconceito contra o termo *massa*... — usar Comunicação Pública? Até agora também ainda não encontramos fora da "Inter Mirifica" as duas palavras juntas...

"Comunicação Popular" ou "Comunicação Pública" seriam, portanto, duas sugestões pessoais que apresentamos (mas não aceitamos) aos que implicam com a palavra "massa".

COMUNICAÇÃO COLETIVA

Há quem queira "Comunicação Coletiva". Se fôsse ainda "comunicação para a coletividade», poderia passar, — não sem muita e válida controvérsia. Ninguém vai negar que a procissão é uma comunicação ostensiva da coletividade católica. A vaia, num teatro, é uma comunicação coletiva de suma eloquência. O riso, para o humorista bem sucedido, é uma comunicação coletiva de que o mesmo está agradando. As palmas não deixam dúvidas quanto ao que pensam, coletivamente, os assistentes.

Por outro lado, um manifesto expressando o pensamento de todos os componentes de determinado agrupamento humano é, legitimamente, comunicação coletiva. Um acórdão publicado no "Diário Oficial" não é comunicação "coletiva" dos doutos senhores Ministros do Supremo Tribunal?

Há quem não aceite "comunicação coletiva" por achar que é muito restrito. Numa sociedade existem diversas coletividades, como as minorias raciais, religiosas, políticas ou que tenham algum laço comum, como os cegos de uma região, os surdos-mudos, paraplégicos ou filatelistas e numismatas, por exemplo.

Assim sendo, seriam "comunicadores para a coletividade" e fariam comunicação "coletiva" apenas os padres, pastôres, rabinos, ulemãs, chefes ou líderes políticos, presidentes de sociedades abertas ou secretas, etc. Martin Luther King, no começo de sua carreira, seria, para êstes, um "comunicador coletivo». Seu trabalho, trazendo o problema de sua coletividade para o campo mais amplo de tôda a nação, de tôda a sociedade, acabou com sua carreira de comunicador coletivo para transformá-lo em comunicador... que comunicador? Comunicador de *massa*, dizemos nós.

De qualquer forma, a própria explicação do termo mostra sua imprecisão. Definitivamente não podemos aceitar "Comunicação Coletiva" para o que pretendemos significar com "comunicação de massa".

Passemos então a pesquisar o significado científico de *massa*.

AS MULTIDÕES E OS AGRUPAMENTOS ELEMENTARES

A sociedade é conjunto de indivíduos com finalidades comuns. A sociedade compõe-se de grupos naturais muito bem esquematizados por Amaral Fontoura no livro citado.⁷ Êsses grupos, além de estarem escalonados pelo número de participantes são, também, cronológicos segundo a evolução natural da vida humana. Completando ainda estas duas vantagens apresentadas pelo sociólogo brasileiro, julgamos que uma pesquisa cuidadosa poderia demonstrar que têm ainda a grande vantagem de ser um guia para os estudos culturais da evolução social, mais ou menos nos termos em que colocou o problema o dr. T. Hall, autor do famoso "The silent language".⁸

Além desses grupos naturais, diremos normais e corriqueiros, notamos que, de vez em quando, há formação de outros agrupamentos passageiros, ocasionais e sintomáticos de tensões coletivas ou aspirações comuns, mas intermitentes. Êsses agrupamentos foram estudados cuidadosamente pelo dr. Herbert Blumer e resumidos num trabalho que faz parte da coletânea de Wilbur Schramm: "The process and effects of mass communication".⁹

Entre os grupos que chamaremos de *patológicos* ou *críticos*, sem entrar na discussão destes dois termos, encontramos as multidões que podem ser: casuais, convencionais, expressivas ou

7. *Op. cit.* p. 5.

8. HALL, Edward T. *The silent language*. 2ª ed. Greenwich, Conn., Premier Book, 1963.

9. BLUMER, Herbert. "The crowd, the public, and the mass". In: SCHRAMM, Wilbur, ed. *The process and effects of mass communication*. 3ª ed. Urbana, Ill., Univ. of Illinois press Urbana, 1955. p. 363-79.

atuantes. *Multidão casual* seria o agrupamento formado em torno de uma vitrina de Natal bem decorada, ou os espectadores das evoluções da Esquadriha da Fumaça. *Multidão convencional* seriam as pessoas que vão ao Morumbi ou Maracanã assistir ao jôgo São Paulo F. C. vs. Cruzeiro. *Multidão expressiva* seria a composta de foliões de carnaval ou participantes das Escolas de Samba. A *multidão atuante* seria a que chamamos pessoalmente de *multidão hostil* por razões que ora são irrelevantes. Esta última multidão é bem caracterizada por um grupo de linchadores ou pelos participantes da Tomada da Bastilha.

Além das multidões, cita ainda o dr. Herbert Blumer outros agrupamentos elementares coletivos como o *pânico* (navio afundando); o *estouro* (como o das boiadas, quando alguém grita num teatro: "Fogol"); a *greve*, resistência passiva (strike), e o *quebra-quebra* ("riot"); os tribunais de justiça popular (desconhecidos, com a graça de Deus, no Brasil...), os "vigilantes" (no mais perfeito estilo de "far-west"); a *procissão* (e, no Brasil, a congada, o reizado, etc.), o *culto* ou *cerimônias* (como um entêrro religioso, o funeral, a bênção ou inauguração solene de um estabelecimento); as *peregrinações* e *romarias*; o *motim* e as *quarteladas*. Tomamos a liberdade de melhorar ou, pelo menos, aumentar a enumeração do sociólogo americano.

CONCEITO DE MASSA

Mas o que nos interessa especialmente é a *massa*. Como se distingue ela dos outros tipos de agrupamentos? Ainda é o mesmo dr. Herbert Blumer, seguido por Eliot Freidson em estudo do conceito de massa¹⁰ que dão à *massa* os seguintes característicos:

Primeiro, seus componentes pertencem a todos os escalões da vida, de todos os estratos sociais, incluindo pessoas de diferentes posições sociais, vocações distintas, de realizações culturais variadas e de riqueza diversa.

Segundo, é agrupamento anônimo: seus membros não se conhecem, são indivíduos isolados.

Terceiro, há pouco interação entre os mesmos, pois, estão fisicamente separados, como regra geral e de poucas exceções.

Quarto, a massa é muito vagamente organizada, para não dizer "desorganizada". Portanto, incapaz de agir com a harmonia de propósitos e a unidade de ação que marcam a multidão.

FREIDSON, Eliot: "Communications research and the concept of the mass." in: SCHRAMM, Wilbur, ed. *The process and effects of mass communication*. 3ª ed. Urbana, III., Univ. of Illinois press Urbana, 1955. p. 380-8.

Acrescentamos às observações acima o seguinte: a massa não fornece "feedback", a não ser excepcionalmente, e exatamente quando está deixando de ser *massa* para transformar-se em público. Não vamos entrar também nesta outra questão, dizendo apenas que o "feedback", no caso especial de audiência de massa, é apenas inferencial, sendo percebido ou "adivindo" por meio de pesquisas de audiência.

Outra observação interessante seria repisar que a multidão é localizada num *espaço físico* determinado e, mais importante que isso, num *tempo* perfeitamente delimitado, ao passo que a audiência de massa não se deixa prender pelas coordenadas, quer do tempo, quer do espaço! As modernas gravações de programas de rádio e também de televisão (sim, senhores: gravação de programas de TV!) tornam absoluta a observação precedente, ao menos como regra geral para audiências de massa.

CONCLUSÕES

O DASP foi feliz na escolha do nome "Técnica de Comunicação de Massa", pois, não pretende formar "especialistas" na matéria, apenas técnicos. O termo "Comunicação" deve ser usado no singular para evitar ambigüidades e por ser o preferido pelos criadores da ciência da Comunicação e adotado pela Igreja na "Inter Mirifica". O vocábulo "massa" tem sentido próprio científico e não colide com o pensamento católico de distinção entre "massa" e "povo". A única alteração que poderia ser estudada, com reservas, seria para "Comunicação Popular" ou "Comunicação Pública", esta última com a sanção prévia da "Inter Mirifica". Achamos, entretanto, que isso seria excesso de zelo vocabular e confundiria os estudiosos católicos já acostumados com a terminologia científica. (*)

(*) MODESTO MARQUES DE OLIVEIRA — Professor de Técnica de Comunicação.





"rasgaram caminhos novos
na comunicação fácil de
toda sorte de informações." (INTER MIRIFICA)